

Diário de Petrópolis, 17 de Abril de 2023

Inovação, Crescimento e Desenvolvimento

Por: Ronaldo Fiani

Nos meus últimos artigos insisti que o desenvolvimento no Brasil foi muito pequeno: no que diz respeito ao Produto Interno Bruto (PIB, a soma de tudo que é produzido no país em um ano) per capita (ou seja, por habitante) permanecemos no mesmo patamar, quando comparados com os Estados Unidos, a maior economia do planeta: tanto em 1960 como em 2021 (último ano que o Banco Mundial disponibiliza em sua base de dados), o PIB per capita brasileiro em dólares constantes de 2015 se mantém na mesma faixa de 13% do PIB per capita norte-americano.

No artigo de hoje vou explicar por que o crescimento do PIB per capita em termos absolutos não significa desenvolvimento, apenas um aumento no PIB per capita em termos relativos, ou seja, em relação ao PIB per capita de outros países mais desenvolvidos pode ser considerado como um indicador de desenvolvimento. Contudo, antes é preciso esclarecer uma confusão que se tornou comum: a confusão acerca da relação entre crescimento do PIB per capita e desenvolvimento.

É comum lermos em artigos na internet e vermos comentaristas na televisão afirmando que desenvolvimento é diferente de crescimento econômico. Usualmente, o argumento é que crescimento é “fazer mais do mesmo”, enquanto desenvolvimento seria “fazer melhor”. De forma um pouco mais precisa, crescimento envolveria aumentos quantitativos (por exemplo, um PIB maior), enquanto desenvolvimento envolveria transformações qualitativas (por

exemplo, uma melhora nos indicadores de escolaridade, ou de mortalidade infantil etc.).

Esta distinção (aumentos quantitativos significam crescimento, melhoras qualitativas significam desenvolvimento) não está incorreta, mas é preciso ter cuidado na distinção entre os aumentos quantitativos e as transformações qualitativas. Na verdade, o aumento do PIB per capita, embora pareça apenas uma mudança quantitativa, representa uma mudança qualitativa na economia. Vamos ver agora a razão disto.

A produção na economia é obtida por meio da aplicação de trabalho (mão de obra) e capital. Por exemplo, uma fábrica produz utilizando o trabalho de seus empregados, assim como suas máquinas, equipamentos e matérias-primas (seu capital). Quando a economia cresce, as empresas aplicam mais trabalho e mais capital, obtendo uma produção maior. A primeira questão, portanto, diz respeito a quanto a produção cresce quando as empresas aumentam a quantidade de trabalho e de capital aplicados, ou seja, quanto ampliam suas atividades.

Quando as empresas em uma economia são, em geral, muito pequenas, o crescimento das empresas faz com que a produção aumente em uma proporção maior do que o aumento na quantidade de trabalho e capital, o que os economistas chamam de retornos crescentes de escala: por exemplo, ao dobrar a quantidade de trabalho e capital, a quantidade produzida triplica. Já quando as empresas são, em geral, muito grandes, acontece o contrário: por exemplo, ao dobrar a quantidade de trabalho e de capital, a produção aumenta apenas 10%. São os chamados retornos decrescentes de escala.

Retornos crescentes de escala acontecem porque em empresas muito pequenas, o aumento no tamanho da empresa com a contratação de mais trabalhadores permite, frequentemente, uma melhor divisão de tarefas, com os trabalhadores assumindo tarefas mais especializadas, o que aumenta a sua produtividade. Já

quando as empresas são muito pequenas, os mesmos trabalhadores são obrigados a executar tarefas diferentes, o que reduz a produtividade. Já os retornos decrescentes acontecem em função de limitações tecnológicas, como aquelas que afetam o tamanho máximo de várias estruturas físicas nas fábricas.

O caso mais comum, todavia, é o de empresas de tamanho médio (exceto em países muito pobres, onde as empresas são muito pequenas, e prevalecem os retornos crescentes de escala). Neste caso, não há retornos crescentes nem decrescentes de escala: por exemplo, ao dobrar a quantidade de trabalho e capital aplicada pelas empresas, a quantidade produzida simplesmente dobra. Neste tipo de situação, o PIB total cresce pelo aumento da população, que aumenta o número de trabalhadores a serem empregados nas expansões das fábricas. Mas é fácil ver que o PIB per capita não aumenta, uma vez que cada novo trabalhador continua produzindo o mesmo que antes.

Como mostrou o economista Robert Solow, nestas condições a única forma de o PIB per capita aumentar é por meio da introdução de inovações tecnológicas, que aumentam a produtividade dos trabalhadores. Mas, se a produtividade dos trabalhadores aumentou porque foram introduzidas tecnologias inovadoras, a própria economia se transformou, apresentando agora uma estrutura produtiva mais sofisticada. Logo, o aumento do PIB per capita é resultado de uma transformação qualitativa da economia do país, constituindo um sinal de desenvolvimento econômico, e não apenas de crescimento quantitativo.

Portanto, o aumento do PIB per capita é sinal de que houve progresso técnico e a economia se transformou, ao menos em alguma medida. Da mesma forma, se o PIB per capita do Brasil permanece hoje na mesma proporção em relação ao PIB per capita dos Estados Unidos em 1960, isto significa que a distância tecnológica entre a economia brasileira e a economia norte-americana hoje é a mesma que existia em 1960. Por conseguinte, a economia brasileira não

apresentou progresso significativo, pois não houve a introdução de inovações tecnológicas nestes últimos 60 anos em escala suficiente para nos aproximar da vanguarda mundial.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-236046>